



ROGER CHARTIER E A NOVA HISTÓRIA CULTURAL¹

Daniel Rodrigues de Lima²

Resumo: O objetivo geral proposto com o presente trabalho é o seguinte: Analisar as contribuições de Roger Chartier a História Cultural. A metodologia utilizada na tessitura deste trabalho é de análise historiográfica, em que as obras de Peter Burke: “O que é História Cultural” (2005) e o texto de Roger Chartier: “As práticas da escrita”, presente no volume três da coletânea História da vida privada, serão a fonte primordial de nossa apreciação. Enfim, a escolha de Roger Chartier, se dá pelo fato, de este estar com seus conceitos e métodos presente nas principais discussões e reflexões que a disciplina nos forneceu ao longo do semestre, onde há debates sobre os rumos da ciência história, analisa as questões das representações e práticas dos agentes sociais, problematizam o conceito de cultura e, por fim, buscam e fazem compreender as práticas sociais e culturais dos indivíduos em seu processo de viver em sociedade como por vezes intencional e, também, não intencional.

Palavras-chave: Nova História Cultural. Representações. Práticas.

1 Introdução

O presente trabalho de conclusão de disciplina tem como título “Roger Chartier e a Nova História Cultural, sua elaboração está atrelada a disciplina do Programa de Pós-Graduação em História da UFAM: História, cultura e representações, disciplina ministrada pelo Professor Doutor Síval Carlos Mello Gonçalves, onde este trabalho é instrumento de avaliação final.

A escolha do trabalho em questão ocorreu por proposição do Professor Doutor Síval Carlos Mello Gonçalves, em que consiste na escolha de um autor ou obra que esteja presente nas discussões, ao longo dos encontros da disciplina: “História, Cultura e Representações”, embasado nas análises de Peter Burke na obra “O QUE É HISTÓRIA CULTURAL” (2005).

Optou-se, então, pela escolha de um autor que tem seu nome ligado a Nova História Cultural (NHC), sendo um dos maiores expoentes e defensores, o historiador francês Roger Chartier com um texto presente na obra “História da Vida Privada: Da Renascença ao Século das Luzes”, intitulado como “As práticas da escrita”.

Os objetivos que são propostos com o presente trabalho são os seguintes: Analisar as contribuições de Roger Chartier a História Cultural, como objetivo geral. E como, objetivos

¹ Artigo desenvolvido como requisito à conclusão de disciplina (História, Cultura e Representações) do PPGH-UFAM.

² Graduado em Licenciatura em História- UNIASSELVI. Especialista em Ensino de História- FETREMIS. Mestrando em História- PPGH- UFAM. Tutor-Externo do Curso de Licenciatura em História no Centro Universitário Leonardo Da Vinci-UNIASSELVI.

específicos, pretende-se: identificar como Roger Chartier é inserido por Peter Burke nas discussões da História Cultural; Verificar as principais contribuições de Chartier no que tange a conceitos e métodos para a História Cultural; e por fim, compreender como Roger Chartier aplica seus conceitos e métodos de análise no texto: “As práticas da escrita”.

A metodologia utilizada na tessitura deste trabalho é de análise historiográfica, em que as obras de Peter Burke: “O que é História Cultural” (2005) e o texto de Roger Chartier: “As práticas da escrita”, presente no volume três da coletânea História da vida privada, serão a fonte primordial de nossa apreciação.

A seguinte estrutura estará disposta neste trabalho: 2- Chartier e a História Cultural, de acordo com Peter Burke, em que neste momento analisando a obra “O que é História Cultural”, busca-se compreender como Chartier está inserido nas discussões, segundo Burke; 3- Roger Chartier: conceitos e métodos no texto “As práticas da escrita”, nesse tópico, pretende-se verificar e compreender como Chartier utiliza de forma prática em seu trabalho de construção histórica conceitos e métodos caros a História Cultural; 4- Considerações finais e Referências Bibliográficas.

2 Chartier e a História Cultural, de acordo com Peter Burke

O livro de Peter Burke, “O que é História Cultural”, é um estudo em que o autor busca responder está questão mostrando a prática dos historiadores no fazer da História Cultural, e com isso, analisa as formas, as diferenças, debates e conflitos, os interesses e tradições ao longo dos tempos.

A obra em questão é dividida em seis capítulos, em que se tem: 1- A grande tradição; 2- Problemas da História Cultural; 3- A vez da Antropologia histórica; 4- Um novo paradigma? 5- Da representação à construção; e 6- Além da virada cultural.

Roger Chartier é citado em sua obra “O que é História Cultural” em nove momentos ao longo dos seis capítulos do livro em que Peter Burke busca uma resposta acerca do que vem a ser a História Cultural.

O nome de Roger Chartier começa a ser posto em discussão a partir do segundo capítulo (Problemas da História Cultural), em dois momentos nas páginas 40 e 42, no subtítulo que trata da cultura popular, onde Chartier é posto na discussão acerca das questões acerca de cultura erudita e popular, dessa forma acerca dos conceitos de cultura erudita e popular, Burke informa o seguinte sobre o autor francês: “[...] Roger Chartier argumentava que era praticamente impossível rotular objetos ou práticas culturais como “populares”. [...] pode-se argumentar que [...] eram ‘biculturas’, participando do que os historiadores chamam de “cultura popular” e [...] cultura erudita [...]” (BURKE, 2005, p. 42)

No capítulo 3: A vez da Antropologia Histórica, Burke, afirma que Roger Chartier se define como historiador cultural (2005, p. 46). Além disso, neste capítulo, Burke, informa da crítica de Chartier à Robert Darnton em “Massacre dos Gatos” visto como um “drama social, “francesia”, enfatizando a distância cultural entre os séculos XVIII e XX e realçando a continuidade de um estilo cultural francês. (BURKE, 2005, p. 54)

Um novo Paradigma, no capítulo 4, Burke, salienta a Influência de Nobeit Elias, com a obra “O processo civilizador” (1938), para a formação de Roger Chartier, além de outros como: Bakhtin, Foucault e Bourdieu, pelo fato destes teóricos terem preocupações com representações e práticas. (BURKE, 2005, p. 78)

Ainda no capítulo 4 no subtítulo “História da Leitura”, Burke, destaca a participação de Chartier na construção de modelos interpretativos acerca das práticas de leitura, escrita, usos sociais da imprensa e etc., em que:

Uma das formas mais populares da História das práticas é a história da leitura [...] A teoria cultural de Michel de Certeau [...] enfatiza o novo foco sobre o papel do leitor, sobre mudança nas práticas de leituras e nos ‘usos culturais’ da imprensa. Historiadores da leitura como Roger Chartier originalmente avançaram em linhas paralelas à crítica literária preocupada com a ‘recepção das obras de literatura’, mas após alguns anos os grupos tomaram conhecimento um do outro. (BURKE, 2005, p.82)

O capítulo 5, Da Representação à Construção, Burke, nesse momento fala sobre um dos conceitos mais utilizados por Chartier e muitos historiadores vinculados a NHC, ou seja, o de representação, onde:

[...]Tome-se a ideia de representação, por exemplo, um conceito central de NHC. [...] Vários praticantes da NHC há muito se sentem desconfortáveis com essa implicação. [...] Tornou-se comum pensar e falar em “ construção” ou” produção” da realidade (de conhecimento, territórios, classes sociais, doenças, tempo, identidade e assim por diante) por meio de representações. (BURKE, 2005, p. 99)

Aqui neste capítulo, Chartier é colocado por Burke como quem faz grande contribuição para um distanciamento da História Cultural de uma “história social no sentido duro”, em que tem-se o seguinte: “[...]Roger Chartier falou de um recente deslocamento da ‘história social da cultura para história cultural da sociedade’. [...]A ideia da ‘história social da sociedade’ recebe influência, sobre NHC, do movimento do ‘construtivismo’. (BURKE, 2005, p.99)

No capítulo 6, Além da virada Cultural, Chartier é posto nas discussões que são desenvolvidas, no subtítulo, A Vingança do Social, em que a ideia de cultura é vista como um texto que pode ser lido de maneira diferenciada e por vezes é bastante problemática, dessa maneira historiadores e antropólogos podem se apropriar do que é cultura de maneira diferenciada. (BURKE, 2005, p.149)

Enfim, o que se tentou aqui foi apresentar como Roger Chartier é inserido na História Cultural, em que cabe dizer que a perspectiva apresentada é uma visão interpretativa de Peter

Burke em sua obra “O que é História Cultural”, e perante isso, Burke afirma sobre o posicionamento de Chartier na NHC: “[...] *um dos seus líderes* [...]” (BURKE, 2005, p. 78)

3 Roger Chartier: conceitos e métodos no texto “As Práticas da Escrita”

3.1 Breve Análise do texto “As Práticas da Escrita”

O texto de Roger Chartier “As práticas da escrita”, está inserido no que Peter Burke trata por Nova História Cultural (NHC), no que tange, a obra “O que é História Cultural”, o texto de Chartier está exatamente situado no capítulo 4: Um Novo Paradigma, e Capítulo 5: da Representação à Construção, em que conceitos de representação e prática são desenvolvidos.

“As práticas da escrita”, de Roger Chartier, está presente na obra “História da Vida Privada: Da Renascença ao Século das Luzes”, volume 3, inicialmente organizada por Phillipe Ariès, com a morte deste, teve o trabalho de organização feito por Roger Chartier, em que foi publicado na França em 1986. No Brasil, foi publicado inicialmente pela Editora Companhia das Letras em 1989, tendo sua primeira reimpressão em 2009, no formato de bolso ambas.

O texto em si, tem a pretensão de analisar e compreender as modalidades e construções de escrita em ter os séculos XVI ao XVIII, em que salienta, práticas antigas e novas coexistindo, onde pretende mostrar as várias formas como se prática e escrita e também as maneiras de ler, relacionando as maneiras e práticas de ler como privatizações, modelos comportamentais e condutas culturais na primeira modernidade, dessa forma, Roger Chartier, afirma:

[...] o texto que se segue pretende mostrar como novas modalidades da relação com a escrita constroem entre os séculos XVI e XVIII uma esfera da intimidade, ao mesmo tempo retiro e refúgio para o indivíduo subtraído aos controles da comunidade. Mas também pretende mostrar que tal evolução não elimina todas as práticas antigas, nem é partilhada por todos que manejam a palavra impressa. Ler em voz alta, para os outros ou para si mesmo, ler em grupos, ler por obrigação de trabalho ou por prazer são atos que não desaparecem com a revolução da leitura no silêncio e na intimidade. Nesse campo também se trata, pois, de reconhecer o emaranhado das práticas sem perder de vista que através de tal diversidade estabelecem-se novos modelos de comportamento, novas condutas culturais, características do processo de privatização da primeira modernidade. (CHARTIER, 2009, p.113)

O que se tem aqui, nesse processo de prática da escrita, é a compreensão do indivíduo ou agente, como participante ativo na construção da realidade social e cultural, em que se apropriam e criam estratégias e táticas no seu viver cotidiano.

Os principais conceitos utilizados por Chartier ao longo do texto são o de: prática e representação, em que no próximo tópico se fará conceituação dos mesmos, onde vou buscar mostrar no texto como Chartier na prática trabalha e desenvolve estes conceitos na produção do conhecimento histórico.

Na coleta de material ou fontes para produção de conhecimento histórico, Roger Chartier, se utilizou de diversos arquivos em série como: assinaturas de diversos documentos, paroquiais, notórias, fiscais ou judiciários. Com todos estes documentos colhidos em grande parte da Europa e EUA, Roger Chartier pode interpretar e compreender que eram aqueles que sabiam ler e escrever ou aqueles que sabiam apenas assinar o nome, mas não sabiam ler.

Através destes arquivos em série, Chartier, utilizou método quantitativo para propor porcentagens acerca da alfabetização, da escrita e da leitura de homens e mulheres.

O que se pretendeu aqui, foi analisar brevemente do que trata o texto de Chartier: As práticas da escrita, em que se observou as fontes, o método utilizado e o objetivo do autor acerca da produção do texto.

3.2 “As Práticas da Escrita”, Os Principais Conceitos Presentes no Texto

Como já foi dito os principais conceitos utilizados por Roger Chartier em “As Práticas da Escrita”, são: prática e representação. Se aproxima estes conceitos da obra de Peter Burke, principalmente, nas discussões propostas nos seguintes capítulos, do livro “O que é História Cultural”: capítulo 4: Um Novo Paradigma, e Capítulo 5: da Representação à Construção.

O conceito de prática está muito presente no texto de Roger Chartier, em que este conceito pode ser descrito como a análise dos comportamentos, distinções, experimentações, disciplina, obediência presente nos agentes sociais e culturais em seu viver cotidiano, em que Peter Burke informa:

[...] a história das práticas é uma das áreas, dos escritos históricos recentes mais afetados pela teoria social e cultural [...] Nobert Elias, cujo interesse pela história das maneiras à mesa parecia excêntrico há pouco tempo, agora está solidamente inserido na corrente principal das ideias. O trabalho de Bourdieu sobre distinção inspirou muitos estudos a respeito da história do consumo, enquanto a ideia de Foucault sobre uma sociedade disciplinar em que eram adotadas novas práticas para reforçar a obediência foi adaptada para estudar outras partes do mundo. (BURKE, 2005, p. 79)

Chartier vê a prática da leitura como forma de sociabilidade, sendo privativa e de intimidade, em que estas práticas fazem com que o surgimento de algo novo não faça de forma alguma desaparecer o antigo, mas, pelo contrário faz um processo de coexistência de ambas práticas ou das diversas práticas.

Entre os séculos XVI e XVIII, a leitura em voz alta num grupo de amigos diletos ou de companheiros casuais torna-se um dos elementos essenciais da sociabilidade — mesmo entre a elite. No limiar da era moderna, as obras às vezes indicam isso. É assim que o corredor de la impresión de *La Celestina* (publicada em Toledo em 1500 com o título *La comedia de Calista y Melibea*) explica como se deve ler o texto num dos octetos que acrescenta à obra, denominado *Dice el modo que se há de tener leyendo está tragicomedia* [Diz o modo como se há de ler esta tragicomedia]. O lector ao qual se dirige é um oralizador, que deve saber variar o tom, encarnar todas as personagens, dizer

os apartes entredentes (cumple que sepas hablar entre dientes), mobilizar mil artes y modos de ler a fim de prender a atenção dos que o escutam, de los oyentes. Como as comédias latinas e humanistas, La Celestina foi escrita para uma leitura "teatral", porém em voz única, destinada a um auditório restrito e selecionado. Num prólogo acrescentado à edição de Saragoça de 1507, que alude às opiniões contraditórias sobre a obra, o autor justifica essa diversidade de juízos pelas próprias condições de sua leitura: 'Assim, quando dez pessoas se reunirem para ouvir esta comédia (quando diez personas se juntaren a oír está comedia), havendo nelas tantos humores diferentes como sempre ocorre, negarse-á que existam motivos de discussões sobre coisas que se pode ouvir de tantas maneiras diferentes?'. Dez ouvintes, reunidos espontaneamente em torno de um texto lido em voz alta: o livro aqui cimenta a sociabilidade cultivada, mundana ou amistosa. [...] (CHARTIER, 2009, p. 148)

Dessa forma, o conceito de prática é atrelado a forma de apropriação, ou seja, como os agentes interpretam a realidade social e cultural que estão inseridos, em que a partir das leituras não só dos livros, mas do próprio mundo que vivenciam criam táticas e estratégias, em que Chartier observa o seguinte sobre a prática da leitura:

Diferentes modos de leitura e de relações com o livro definem assim práticas ligadas, sociabilidades entrosadas: a leitura solitária alimenta o estudo pessoal e o comércio intelectual; a sociedade amistosa baseia-se na leitura em voz alta, na glosa, na discussão, porém estas também podem reunir um auditório mais amplo que se instrui ouvindo os textos lidos e os argumentos expostos. (CHARTIER, 2009, p. 150)

Ou seja, a prática é a forma de interpretação mental de um determinado local e momento histórico, em que necessariamente as práticas podem ser ou não racionais, pois os indivíduos influenciam e são influenciados pelo seu mundo social e cultural.

O conceito de representação proposto por Chartier em "As práticas da escrita", está também, presente na Nova História Cultural, e dessa forma:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe- nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou uma história de vistas demasiado curtas -, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais (BURKE, 1988 p.17).

Diante disso, conceito de representação em Roger Chartier pode ser visto sob dois ângulos: primeiro como internalização simbólica de lutas pelo poder, onde relações de grupos

e indivíduos são estruturadas em relações externas e objetivas, independente de consciências coletivas ou individuais. Do outro ângulo, tem-se, o conceito de representação, enquanto, exteriorização da internalização simbólica, sendo uma luta dentro das estruturas objetivas, sendo materializadas entre grupos e indivíduos.

Roger Chartier nos fornece um exemplo da sua utilização do conceito de representação, em “As práticas da escrita” falando sobre como eram pensados os livros em meados do século XVIII, e com isso, tem-se o seguinte:

[...]Lido em silêncio (ao menos pelas elites), muitas vezes por mais indivíduos e em maior número, inscrito no centro da sociabilidade e da experiência individual (ao menos nos países protestantes), o livro torna-se assim o companheiro privilegiado de uma intimidade inédita. E para os que podem ter uma, a biblioteca constitui doravante o local por excelência do retiro, do estudo e da meditação solitária. Um exemplo dentre outros: Montaigne. (CHARTIER, 2009, p. 137).

Dessa forma representados, o livro e a biblioteca eram centros de sociabilidade e de experiência individual, de intimidade, retiro e meditação. As representações da realidade de mundo social são construídas e forjadas pelos agentes que buscam manter ou transformá-las, de acordo, com os interesses em que estão imersos.

Por fim, aqui se buscou conceituar de acordo Roger Chartier: prática e representação, em que se tentou também mostrar como o autor utilizou os mesmos na construção do conhecimento histórico.

Considerações Finais

A disciplina, que por ora, se conclui foi muito pertinente para ampliação das discussões teóricas e metodológicas que ciência história tem passado ao longo dos séculos, com esta disciplina ofertada pelo do PPGH-UFAM e lecionada pelo professor doutor Síval Carlos Mello Gonçalves , conseguiu-se visualizar e discutir problemáticas historiográficas ligadas às temáticas: História, Cultura e Representações, em que foram analisados conceitos de história cultural, bem como, as novas abordagens da história cultural.

Enfim, a escolha de Roger Chartier, se dá pelo fato, de este está com seus conceitos e métodos presente nas principais discussões e reflexões que a disciplina nos forneceu ao longo do semestre, onde há debates sobre os rumos da ciência história, analisa as questões das representações e práticas dos agentes sociais, problematizam o conceito de cultura e, por fim, buscam e fazem compreender as práticas sociais e culturais dos indivíduos em seu processo de viver em sociedade como por vezes intencional e, também, não intencional.

Referências

- BURKE, Peter. O que é História Cultural? Rio de Janeiro, Zahar, tradução de Sérgio Góes de Paula, 2005.
- CHARTIER, Roger. A história Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1989, p. 17.
- CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: CHARTIER, Roger (org.). História da Vida Privada: Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.